

Um exemplo a ser seguido

A integração lavoura-pecuária-floresta (iLPF) é um modelo que une diferentes sistemas produtivos - grãos, fibras, carne, leite, agroenergia, madeira - em uma mesma área, proporcionando a recuperação de pastagens degradadas, melhora na fertilidade do solo, preservação da biodiversidade e menor exposição do produtor à variação da renda em função das oscilações de preço no mercado e adversidades climáticas.

É, segundo a Embrapa, uma estratégia de produção sustentável que surgiu nas décadas de 60 e 70 em função da necessidade de diversificar a atividade agropecuária brasileira no Cerrado. É justamente nesse bioma, no município de Ipameri - Goiás, que está localizada a Fazenda Santa Brígida, uma propriedade exemplar na implantação da iLPF, visitada por pecuaristas, agricultores e lideranças do setor de todo o Brasil.

No início de março, aconteceu o sexto dia de campo do programa iLPF da Fazenda Santa Brígida para mostrar os resultados obtidos com este modelo de produção que ainda pode contribuir muito para o desenvolvimento da agropecuária brasileira. Cerca de 300 pessoas participaram deste evento, entre elas a Secretária de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Mônica Bergamaschi, o Presidente da ABAG, Luiz Carlos Corrêa Carvalho, o vice-presidente, Francisco Matturro, o Presidente da Cocamar e Diretor da ABAG, Luiz Lourenço e a Diretora da ABAG/RP, Patrícia Milan.

A Fazenda Santa Brígida é uma propriedade familiar que se caracterizava pela produção de gado de corte a pasto. Estava em situação crítica, devido à baixa produtividade, altos custos e



*Mônica Bergamaschi,
Luiz Carlos Corrêa
Carvalho,
Patrícia Milan e
Marize Porto Costa*



Integração lavoura, pecuária e floresta na Fazenda Santa Brígida, em Goiás

pastagens degradadas. Em 2005, após assumir a administração, a proprietária e dentista, Marize Porto Costa, procurou a Embrapa Arroz e Feijão de Goiânia em busca de uma solução.

O agrônomo João Kluthcouski, mais conhecido na Embrapa como João K, foi o responsável pelo trabalho de recuperação das áreas de pastagens, usando o sistema de produção lavoura-pecuária-floresta em uma área experimental de 60 ha. Passados 6 anos do início do projeto, na safra 2011/2012 a Fazenda Santa Brígida atingiu uma área comercial de 650 ha com o sistema implantado, um rebanho que ultrapassa 2.000 cabeças e cultivo de soja, milho, sorgo, braquiária e eucalipto.

Dentre os benefícios alcançados nestes anos com a iLPF destacam-se: o pagamento, pela renda da lavoura, da recuperação/renovação dos pastos; o aumento da produtividade; a melhoria

dos atributos físicos e químicos do solo; a reciclagem de nutrientes; e a melhoria na eficiência da atividade pecuária.

E foram justamente essas tecnologias adotadas, que incluem também o plantio direto na palha e a fixação biológica de nitrogênio, que permitiram que Marize Porto fosse a primeira produtora rural a ser contemplada com crédito do Programa de Agricultura de Baixo Carbono, um programa criado em 2010 pelo governo federal que visa fornecer incentivos e recursos para a adoção de técnicas agrícolas sustentáveis, visando mitigar e reduzir a emissão dos gases de efeito estufa.

A exuberância das lavouras e do gado da Fazenda Santa Brígida é a constatação prática que pesquisa, conhecimento e tecnologia são capazes de promover produção agropecuária, conservação dos recursos naturais e rentabilidade.

Agronegócio brasileiro: exc

A importância do agronegócio para o Brasil há muito está consagrada por sua contribuição para a geração de empregos formais no país, por representar percentual significativo do produto interno bruto e pelo seu saldo superavitário na balança comercial brasileira.

Agora, o agronegócio brasileiro está diante da oportunidade de mostrar os avanços em sustentabilidade que ocorreram no setor no intervalo de tempo entre a ECO 92, Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, que aconteceu em 1992 no Rio de Janeiro, e consagrou o termo “desenvolvimento sustentável” e a realização da Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que acontecerá na capital carioca de 20 a 22 de junho. Nestes 20 anos o tripé que compõe o conceito de sustentabilidade: conciliar o desenvolvimento social, ambiental e econômico, vem sendo aplicado na agricultura brasileira de maneira exemplar, com modelos de sucesso em todo o país que continuam sendo construídos ano após ano.

O Brasil se desenvolveu muito nas últimas duas décadas, graças inicialmente às novas tecnologias criadas nas instituições de pesquisa nacionais e, depois, pela sua adoção em larga escala pelo produtor rural. Resultado disso é que muita coisa mudou no campo e, conseqüentemente, nas cidades. O alimento barato e a variedade disponibilizada ao consumidor brasileiro, por exemplo, é fruto do aumento da produtividade agrícola e do ganho de eficiência nas cadeias.

Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), se a produção brasileira de grãos da safra 2011/12, realizada em uma área de 52 milhões de hectares, utilizasse hoje a mesma tecnologia adotada na safra de 1990/91, seriam necessários outros 52 milhões de hectares para se atingir a mesma produção. Ou seja, seria o dobro da área para se chegar ao mesmo resultado.

Além disso, houve também o desenvolvimento de técnicas de manejo que possibilitaram o uso dos recursos naturais de forma mais eficiente. Nos anos 1990 e 2000, o plantio direto - reconhecido pela Conferência da ONU sobre mudanças climáticas (COP) como uma das maiores revoluções econômicas e ambientais da humanidade - foi amplamente difundido no país, principalmente na Agrishow de Ribeirão Preto/SP, a maior feira de tecnologia agrícola em ação da América do Sul, criada pela Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG) em 1993. Hoje, segundo a Associação Brasileira de Plantio Direto, só em grãos, são 27 milhões

de hectares cultivados no sistema de plantio sobre a palha. O que estudos comprovam garante mais proteção ao solo, menor perda de água e nutrientes, reduz plantas daninhas e doenças e também diminui a emissão de CO₂ na atmosfera.

Vale citar também o uso dos grãos na rotação de cultura com a cana-de-açúcar, uma história que começou nos anos 1970 na Cooperativa Agroindustrial (Coplana) de Guariba/SP. Naquela época a soja era alternada com a gramínea para proporcionar benefícios como a quebra do ciclo de pragas e doenças de cada cultura, a fixação biológica do nitrogênio e a incorporação de matéria orgânica, reduzindo a necessidade de aplicação de fertilizantes em plantio futuros. Hoje é o amendoim. O Estado de São Paulo produziu na safra 2010/11, conforme dados da Conab, 79% do amendoim nacional, comprovando que agricultura energética é perfeitamente compatível com a produção de alimentos.



Soja plantada em rotação com a cana-de-açúcar

Essa redução no uso dos insumos externos é um dos pilares da agricultura sustentável. No caso dos defensivos agrícolas, ela pode ocorrer pela adoção do controle biológico para o manejo de pragas. Um processo natural de regulação do número de indivíduos da população da praga por ação dos inimigos naturais. Sua utilização para a cana-de-açúcar no Brasil é o maior programa do mundo, um caso de sucesso para o controle da broca da cana e da cigarrinha das raízes.

A colheita mecanizada é outro representante do avanço ambiental do setor sucroenergético. Na região de Ribeirão Preto/SP seu índice chega perto dos 80%, enquanto no Estado tem média de 65%. Sem queima, o solo retém matéria orgânica e nutrientes, não emite gases do efeito estufa e, na indústria, a cana-de-açúcar não precisa ser lavada, permitindo uma economia de água no processo. Vale ressaltar que a lei paulista determina que em 2014 a queimada deixe de acontecer em todas as áreas mecanizáveis do Estado.

Pelo lado social, se a mecanização diminui os empregos no campo, ela cria outras vagas, mais qualificadas. A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) apontou o setor como um exemplo a ser seguido. O projeto de requalificação profissional de cortadores de cana-de-açúcar no Brasil foi citado no recente documento “Boas práticas socioeconômicas na produção moderna de bioenergia”. Em fevereiro de 2010, cursos de profissionalização começaram a ser oferecidos a trabalhadores de 83 usinas. Até agora quase 4.500 foram requalificados.



Colheita mecanizada de cana-de-açúcar

Exemplos de sustentabilidade



Trabalhadores rurais em requalificação

O setor sucroenergético também tem se destacado na produção de energia elétrica a partir da queima do bagaço da cana-de-açúcar, utilizando uma tecnologia limpa, nacional, de fonte renovável, que contribui para a preservação do meio ambiente. Em junho de 1987 a Usina São Francisco, localizada em Sertãozinho/SP, demonstrando inovação e pioneirismo, comercializou pela primeira vez no Brasil uma parcela do seu excedente de energia elétrica junto à rede de distribuição local.

Subestação para geração de energia elétrica a partir da queima de bagaço de cana-de-açúcar



A preservação do meio ambiente também representa uma preocupação dos fornecedores de insumos para a agropecuária. Em 1990, Associação de Defesa Vegetal (Andef), representante das indústrias produtoras de defensivos agrícolas, já buscava uma solução para as embalagens vazias de agrotóxicos. Em 1992, a primeira unidade de recebimento dessas embalagens foi montada de forma piloto pela Coplana, em Guariba/SP.

O Brasil aprendeu e ensina

A lição de sustentabilidade o Brasil aprendeu e ensinou neste período. Mas pode fazer ainda mais, já que o pioneirismo e a capacidade de se adaptar de todos os que fazem parte do agro-negócio, antes, dentro e depois da porteira das fazendas, já foi comprovada e merece ser seguido. Um trabalho que não acabou e nem vai acabar. Vai mudar a forma, se adaptar ao momento, evoluir como evoluíram todos, no campo e na cidade, nos últimos 20 anos, mas por que não falar 30, 40, 50 anos?



Reciclagem de embalagens de defensivos agrícolas

Em 1994, já surgia a primeira fábrica de reciclagem desse plástico, hoje matéria-prima na produção de conduíte, usado em instalações elétricas para passagem de fios condutores de energia. A norma brasileira regulamenta a tríplice lavagem dessas embalagens, antes do descarte, sistema que as torna resíduo comum, não mais perigoso. A legislação relativa a esse procedimento atribui responsabilidade a todos da cadeia produtiva: agricultor, fabricante, sistema de comercialização e poder público. Hoje são 450 centrais de recebimento espalhadas pelo Brasil, que receberam, em 2011, dois milhões de embalagens vazias tríplice lavadas, segundo o Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (INPEV).



Integração lavoura/floresta

Dumont história e agronegócio

A Prefeitura de Dumont precisa de um prédio novo, a fim de ceder espaço ao museu com todo acervo histórico que a geração atual reclama para dar o devido valor à ação de pai e filho, ilustres moradores daquela casa, homens de projeção internacional: o pai, rei do café, Henrique Dumont, que construiu uma estrada de ferro própria, e o filho, Alberto, que abriu o caminho para o transporte aéreo.

Isto explica a locomotiva e a aeronave expostas na praça central da cidade, no entorno da antiga casa-sede da Fazenda Dumont.

O prédio histórico central é utilizado pela Prefeitura desde a emancipação da cidade, em 1965. Já naquela época se falava do interesse na instalação do museu e, aos poucos, ali foram colocados quadros, fotos e outras peças que têm relação com a história da família e, principalmente, com o pioneirismo no campo da aviação. Na mesma área, bem preservadas, ficam ainda outras construções da época da fazenda.

O desejo da população é que seja construída uma nova sede para a prefeitura para ali ficar apenas o museu, com acervo ampliado, e assim valorizar a história e atrair visitantes.

Ousado e progressista o “primeiro rei do café” usou a imaginação para escoar sua grande produção: logo após a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro ter chegado à região, em 1883, construiu um ramal ferroviário próprio, que cortava sua enorme fazenda e chegava à Ribeirão Preto, de onde o café era embarcado para o porto de Santos. Por essa estrada, segundo a história registra, Alberto, menino peralta, gostava de conduzir a locomotiva. Foi a venda da fazenda Dumont que garantiu a Alberto recursos para financiar suas experiências com balões e aeroplanos. Até chegar ao 14 Bis e ser consagrado como “pai da aviação”.

Na década de 1940, o grupo inglês que comprara a propriedade loteou a fazenda, vendendo terras para os colonos, predominantemente italianos, que continuaram trabalhando com lavouras de café. Em 1953 foi criado o Distrito de Dumont, e dez anos depois deu-se sua elevação a município.

Dumont tem hoje cerca de 8.500 habitantes e a agricultura continua sendo a base de sua economia. A cana-de-açúcar ocupa mais de 9.500 hectares do total de 10.146 ha de área agricultável. O amendoim, plantado em rotação com a cana, é outro destaque, inclusive por ser a matéria prima de três indústrias locais que produzem doces que chegam a ser exportados para cerca de 10 países. O algodão que já teve grande importância econômica, hoje inexistente, mas suas duas unidades de processamento ainda estão de pé, inativas, e servem apenas como marcos da história da cidade.



Casa onde morou Santos Dumont, hoje sede da prefeitura, deve se tornar, em breve, museu. Ao lado, avião para lembrar o feito do seu mais famoso morador



O orçamento de Dumont para este ano é de R\$ 17,3 milhões. Um receita insuficiente para cobrir as despesas, por isso recursos de outras esferas do poder são necessários para garantir saúde, educação, infraestrutura, enfim, bem estar e desenvolvimento. A educação vai muito bem, atendendo toda população em idade escolar. A grande expectativa na cidade é pela biblioteca que está sendo construída, que além de livros terá sala de pesquisa pela internet. Os novos desafios do desenvolvimento fizeram a Secretaria Municipal de Educação oferecer mais, o curso técnico de administração tem até vestibulinho devido ao alto interesse dos jovens. Para mostrar a estes jovens as oportunidades que a região oferece a Secretaria aderiu este ano ao Programa Educacional “Agronegócio na Escola”, oferecido pela ABAG/RP.

A infraestrutura da cidade agrada aos moradores. As redes de água e esgotos, com tratamento, estão em 100% das residências urbanas. O asfalto, em 95% da cidade. A saúde conta principalmente com verba de fora, que acaba sendo insuficiente tendo em vista a contrapartida que o município tem que oferecer, por isto muitos pacientes que residem na cidade têm de

ser transportados para hospitais de Ribeirão Preto para receber atendimento secundário e terciário.

Destaque local são três açougues, um na zona rural, que produzem artesanalmente a famosa “linguiça de Dumont”, de pura carne suína. Uma atração à parte na pequena cidade. Os açougues estão inovando, partiram das linguiças para carnes mais nobres, cortes especiais e frios mais finos, que hoje atraem mais visitantes do que os pontos históricos. A linguiça de Dumont, em várias versões, é encontrada em quase toda região, mas a curiosidade de ir à terra do Pai da Aviação garante mais turismo.

O município tem seus eventos tradicionais: a comemoração do aniversário de emancipação, em março; a Festa do Amendoim, em agosto; a Semana da Asa, em outubro; e a celebração da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, em dezembro. São grandes festas na praça, oportunidades de confraternização entre os que moram na cidade e os visitantes. Afinal o “lugar de paz, descanso e felicidade”, como diz o letrreiro de uma pousada local, não é propaganda enganosa, assim como não foi o voo do 14 Bis e como não é a fama da linguiça de Dumont.